



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**PORTFÓLIO DE IDEIAS: RASTROS DE DESEMPAREDAMENTOS COM
POÉTICAS DA NATUREZA**

Helloysa Victória Costa Nascimento

GOIÂNIA, 2025.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Helloysa Victória Costa Nascimento

Título do trabalho: Portfólio de ideias: rastros de desemparedamentos com poéticas da natureza.

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concordo com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 09/12/2025, às 13:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helloysa Victória Costa Nascimento, Discente**, em 13/12/2025, às 19:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5791598** e o código CRC **86B15F2E**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**PORTFÓLIO DE IDEIAS: RASTROS DE DESEMPAREDAMENTOS COM
POÉTICAS DA NATUREZA**

Helloysa Victória Costa Nascimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos.

GOIÂNIA, 20

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Nascimento, Helloysa Victória Costa
Portfólio de Ideias: [Manuscrito]: rastros de desemparedamentos com poéticas da natureza / Helloysa Victória Costa Nascimento. - 2025.
LXIV, 64 f.: 2025

Orientadora: Prof(a). Dra. Noeli Batista dos Santos
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2025.
Inclui: lista de figuras.

1. Arte. 2. Desemparedamento. 3. Educação Infantil. 4. Portfólio. 5. Natureza.

I. Santos, Noeli Batista dos, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Portfólio de Ideias: rastros de desemparedamentos com poéticas da natureza”, de autoria de Helloysa Victória Costa Nascimento, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Dr.^a Noeli Batista dos Santos - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Luiz Henrique Arantes Araújo Olivieri (FAV/UFG) e prof. Dr. Michell Pedruzzi Mendes Araújo (FE/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de (10,0), tendo sido o TCC considerado (**aprovado**).

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 09/12/2025, às 13:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Michell Pedruzzi Mendes Araujo, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2025, às 02:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2025, às 13:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5791614** e o código CRC **0167CA55**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à criança que um dia fui, curiosa, sonhadora e encantada pelas pequenas descobertas do mundo, que passava horas brincando com a terra e as folhas.

Dedico também a todas as crianças que cruzaram o meu caminho.

AGRADECIMENTOS

Gratidão aos meus ancestrais, cuja sabedoria e força me conduzem em cada passo desta jornada.

Dedico este trabalho à minha família, à minha mãe que me incentivou a desenhar desde criança, ao meu pai e ao meu irmão.

Às minhas amizades que me inspiraram com suas ideias e presenças generosas, por compartilharem sonhos, conversas e risadas e apoio que tornaram o caminho mais leve.

Agradeço, ainda, à natureza, por seu silêncio que ensina e por seu som que transmuta. Sou grata por me acolher em cada criação e por me lembrar constantemente da beleza de existir.

RESUMO

Este estudo investiga de que modo as práticas de arte associadas ao desemparedamento da infância podem promover aprendizagens criativas e significativas na Educação Infantil, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças. O trabalho fundamenta-se nos referenciais teóricos do conceito de desemparedamento proposto por Tiriba, da compreensão da arte como instrumento cultural em Vigotski e das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhecem o contato com a natureza como direito de aprendizagem na infância. Trata-se de uma pesquisa de abordagem aplicada, de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de levantamento bibliográfico, observações de práticas pedagógicas e da elaboração de um Portfólio de Ideias Artísticas. As análises evidenciam que a integração entre arte e natureza amplia a sensibilidade, a imaginação, a autonomia e o vínculo das crianças com o ambiente, reafirmando o desemparedamento como prática pedagógica potente e humanizadora. Conclui-se que a articulação entre arte e natureza constitui um caminho fundamental para uma educação sensível, criativa e transformadora, oferecendo subsídios teóricos e práticos para a atuação docente na Educação Infantil.

Palavras-chave: Arte; Desemparedamento; Educação Infantil; Natureza; Portfólio.

ABSTRACT

This study investigates how art practices associated with the concept of *unwalling childhood* (*desemparedamento da infância*) can promote creative and meaningful learning in Early Childhood Education, contributing to the integral development of children. The research is grounded in the theoretical framework of the concept of *desemparedamento* proposed by Tiriba, in Vygotsky's understanding of art as a cultural tool, and in the guidelines of the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC), which recognizes contact with nature as a learning right in childhood. This is a qualitative, applied research study, developed through a bibliographic review, observations of pedagogical practices, and the creation of an Artistic Ideas Portfolio. The analyses indicate that the integration of art and nature enhances children's sensitivity, imagination, autonomy, and their connection with the environment, reaffirming *desemparedamento* as a powerful and humanizing pedagogical practice. It is concluded that the articulation between art and nature constitutes a fundamental pathway toward a sensitive, creative, and transformative education, offering both theoretical and practical contributions to teaching practice in Early Childhood Education.

Keywords: Art. Outdoor Learning; Early Childhood Education; Nature; Portfolio.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 — Janela da escola com grades.....	16
Imagem 2 — Escola contêiner em Goiânia.....	17
Imagem 3 — Oficina com folhas.....	20
Imagem 4 — Árvore que seria derrubada.....	21
Imagem 5 — Varal artístico.....	22
Imagem 6 — Atividade aluno do CEPAE/UFG.....	23
Imagem 7 — Círculo com folhas do parquinho.....	24
Imagem 8 — Quintal da escola.....	25
Imagem 9 — Corredor de escola municipal de Goiânia.....	27
Imagem 10 — Oficina de pigmentos naturais.....	40
Imagem 11 — Frottage com folhas.....	41
Imagem 12 — Frottage com folhas.....	42
Imagem 13 – criação de areia colorida.....	43
Imagem 14 – Primeiras tentativas de utilizar a areia.....	44
Imagem 15 – Impressão de folhas com guache.....	45
Imagem 16 – Rostos de argila.....	47
Imagem 17 – Rua onde moro.....	48
Imagem 18 – Insetinhos.....	49
Imagem 19 – Pintura em folhas secas.....	50
Imagem 20 – Assemblage.....	51
Imagem 21 – Colagem ilustrativa: pintura no toco de madeira.....	52
Imagem 22 – Pintura em galhos.....	53
Imagem 23 – Colagem ilustrativa : Personagens de pedras.....	53
Imagem 24 – Pincéis da natureza.....	54
Imagem 25 – Nossas digitais.....	56

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 Desemparedamentos: Infância, arte, natureza.....	16
1.1 Desemparedamento.....	26
2 Ensino de Arte.....	31
2.1 A experiência de estética relacional na prática docente.....	34
3 Criação do portfólio de ideias: experiências e reflexões sobre possibilidades de emparedamentos.....	36
3.1 A pesquisa aplicada na construção do Portfólio de Ideias.....	37
3.2 Portfólio de Ideias: Arte, natureza e desemparedamentos.....	46
Considerações Finais.....	57
Referências.....	60
APÊNDICE A — PORTFÓLIO DE IDEIAS.....	63

Introdução

O início do século XXI tem sido marcado por uma crise socioambiental de abrangência global, a qual evidencia os limites de um modelo de desenvolvimento alicerçado na exploração indiscriminada do planeta terra e por práticas culturais que promovem o afastamento dos seres humanos em relação à natureza. Esse processo está estreitamente articulado a tradições culturais e epistemológicas coloniais que consideram o ambiente como espaço passível de violação e destruição (Alimonda, 2011). Essa lógica, fundada na separação entre o ser humano e o ambiente, cria um distanciamento progressivo da vida cotidiana em relação à Terra (Barros, 2018).

No cenário urbano esse afastamento torna-se particularmente evidente entre as crianças nos mais diversos fatores como condições socioeconômicas adversas, a estrutura espacial das cidades e a organização temporal da vida cotidiana, reduzem as oportunidades de contato direto com ambientes naturais, mobilidade através de ônibus e carros, a moradia em unidades concretadas (casas e apartamentos) e a permanência prolongada em instituições escolares fazem com que o contato com espaços externos seja, muitas vezes, limitado a breves intervalos entre aulas. Nesses contextos, o cotidiano infantil passa a ser vivenciado predominantemente em ambientes construídos, o que restringe o brincar livre e as experiências corporais próprias da infância a locais fechados, de concretos cinzentos, e cada vez mais semelhantes a caixas.

Diante dessa realidade, faz-se necessário que a educação, e em especial a Arte/Educação, desempenhe papel ativo na construção de alternativas pedagógicas capazes de aproximar as crianças do mundo natural. Essa função não se reduz a meras atividades complementares, mas implica adotar princípios que valorizem o respeito a todas as formas de vida, à natureza, ampliando a percepção de pertencimento das crianças ao mundo em que vivem. Desta forma, o ato de assumir uma perspectiva educativa ancorada no cuidado e na convivência com a Terra propõe uma ação educativa que busca diminuir o distanciamento humano do meio ambiente.

Tema: O desemparedamento da infância por meio das Artes Visuais: práticas de arte e natureza na Educação.

A pesquisa tem como eixo a utilização dos desemparedamentos como prática pedagógica essencial para o desenvolvimento infantil, reconhecendo sua importância nos aspectos cognitivos, sociais e emocionais da criança. Tiriba (2018) afirma que, quando as crianças permanecem em espaços fechados, com temperatura e iluminação artificiais, o seu potencial formativo acaba ficando limitado. Isso se dá, porque o brincar na e com a natureza amplia as percepções, estimula os sentidos e possibilita a construção de valoração da natureza.

Esse contato da criança com a natureza e suas diversas formas de vida presentes contribui para a construção de significativos processos de aprendizagem que junto à arte, pode ser compreendida como um grande instrumento cultural, já que, de acordo com Vigotski (1998), a arte é um importante instrumento cultural capaz de objetivar e socializar sentimentos humanos. Para ele, as obras de arte são formadas por signos e têm como proposta provocar emoções, atuando nos processos do psiquismo do indivíduo e funcionando como meio de reorganização interna. Portanto, a arte permite ao sujeito novas generalizações cognitivas e afetivas, a partir do movimento entre a forma e o conteúdo.

Desta forma, os desemparedamentos e a arte podem ser compreendidos como práticas fundamentais para o desenvolvimento humano. Ambos operam como mediadores simbólicos que favorecem a construção do pensamento, a expressão de sentimentos e a socialização, evidenciando sua importância no contexto educacional, especialmente, na infância.

O contato com a natureza é reconhecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um direito fundamental da criança e um eixo estruturante do processo de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil. De acordo com os *Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil*, a BNCC destaca a importância de proporcionar às crianças experiências que envolvam a exploração dos elementos naturais como parte essencial de seu percurso formativo. O documento aponta que as crianças devem “explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia” (Brasil, 2017, p. 38). Além disso, a BNCC reconhece que a “[...]”

educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza [...]” (Brasil, 2013), mostrando-se também alinhada à Agenda 2030¹ da Organização das Nações Unidas (ONU).

Além disso, enfatiza-se o direito de “[...] expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões e questionamentos, por meio de diferentes linguagens [...]” (BRASIL, 2017, p. 39). Assim, o contato direto com o ambiente natural e suas múltiplas formas de vida é compreendido como parte essencial do desenvolvimento integral, favorecendo a curiosidade, a imaginação e a sensibilidade estética das crianças, ao mesmo tempo em que fortalece o vínculo afetivo e o senso de pertencimento ao mundo que as cerca.

Apesar da legislação e os documentos oficiais reforçarem a centralidade do contato com a natureza, observa-se ainda certa distância entre as diretrizes e as práticas efetivamente implementadas nas instituições de ensino e no ambiente familiar.

A presente pesquisa fundamenta-se nos referenciais teóricos que articulam os desemparedamentos e a arte como práticas educativas essenciais à formação da criança. O conceito de desemparedamento, conforme discutido por Tiriba (2018), propõe a superação das limitações impostas pelos espaços fechados e controlados das instituições escolares, defendendo a necessidade de reconectar o processo educativo com o ambiente natural. Para a autora, é no contato com a natureza que se promove um espaço de descobertas, sentidos e experimentações que as crianças ampliam suas percepções, desenvolvem autonomia e constroem saberes de forma sensível e significativa. Nesse mesmo horizonte, a arte, enquanto linguagem expressiva e cultural, atua como mediadora simbólica que possibilita à criança transformar suas experiências em conhecimento, emoções e criatividade. Segundo Vigotski (1998), a arte é um instrumento cultural capaz de socializar sentimentos humanos, reorganizando o pensamento e promovendo novas

¹ A Organização das Nações Unidas (ONU) é uma instituição internacional fundada em 1945, composta atualmente por 193 Estados-membros, cuja finalidade é manter a paz e a segurança internacionais, promover os direitos humanos, o desenvolvimento sustentável e a cooperação entre as nações.

generalizações cognitivas e afetivas. Assim, ao integrar arte e natureza, o processo de desemparedamento torna-se uma prática pedagógica potente, que favorece a aprendizagem estética, emocional e cognitiva, contribuindo para o desenvolvimento de sujeitos críticos, criativos e conscientes de sua relação com o mundo e com a vida

Nessa perspectiva, os objetivos propostos buscam, no aspecto geral, investigar como as práticas de Arte podem contribuir para o desemparedamentos das infâncias e para o fortalecimento da relação das crianças com a natureza em contextos escolares urbanos, especialmente aqueles marcados pela ausência de espaços verdes. Nos aspectos específicos, buscam compreender de que forma a Arte e os desemparedamentos, enquanto práticas metodológicas, podem ser utilizados para promover uma aprendizagem criativa e significativa, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Além disso, pretende-se analisar como o contato com a natureza pode favorecer o desenvolvimento sensível, cognitivo e social das infâncias, fortalecendo processos educativos e humanizados. Busca-se também compreender o papel da Arte como mediadora simbólica na construção do pensamento e da expressão de sentimentos, a partir das vivências artísticas em ambientes externos, bem como investigar de que maneiras os desemparedamentos pode ser incorporado ao contexto escolar, com ênfase no ensino de Arte. Por fim, propõe-se a elaboração de um Portfólio de Ideias destinado a educadores, reunindo propostas de atividades que integrem práticas artísticas e experiências ecológicas voltadas aos desemparedamentos da infância.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa foi desenvolvida com base no método da pesquisa aplicada, conforme Fleury e Werlang (2016), que a definem como uma investigação voltada à resolução de problemas concretos e à proposição de soluções práticas fundamentadas em referenciais teóricos. Nesse contexto, o estudo teve como objetivo criar um dispositivo pedagógico que dialogasse de forma transdisciplinar com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), promovendo práticas de desemparedamentos por meio do ensino de Arte como caminho para aprendizagens significativas. A metodologia envolveu uma pesquisa bibliográfica sobre temas como desemparedamentos, natureza, arte e transdisciplinaridade, seguida da elaboração de um artefato pedagógico o *Portfólio de Ideias Artísticas* composto por atividades que estimulam a criatividade, a sensibilidade e o aprendizado ativo das crianças na Educação Infantil.

Diante do exposto, este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresento a introdução, em que são contextualizados o tema, a relevância e os objetivos da pesquisa, além da justificativa para o estudo sobre arte, natureza e desemparedamentos na Educação Infantil.

Na seção 2, são abordados os referenciais teóricos que fundamentam o trabalho, incluindo autores que discutem arte-educação, ecologia e práticas de desemparedamentos.

A seção 3 trata da metodologia adotada, detalhando o percurso da pesquisa aplicada e a construção do portfólio de ideias artísticas, descrevendo as experiências desenvolvidas.

Por fim, na seção 4, são apresentadas as considerações finais, nas quais são discutidos os resultados, reflexões e contribuições do estudo, reafirmando a importância de uma educação sensível, ética e ecológica.

1 Desemparedamentos: Infância, arte, natureza

Ao pensar sobre as infâncias na atualidade, torna-se essencial compreender o conceito de desemparedamentos, discutido por Lêia Tiriba (2005), que aponta para a importância de romper com os limites impostos à infância e ampliar as possibilidades de interação das crianças com a natureza. A autora ressalta que o contato com o ambiente natural contribui significativamente para o desenvolvimento da sensibilidade, dos sentidos e para a ampliação das experiências vividas.

Os desemparedamentos se contrapõe à condição de aprisionamento infantil (Janela da escola com grades) observada em contextos institucionais marcados por estruturas físicas rígidas, caracterizadas por salas fechadas, muros altos e pouca ou nenhuma área verde. Esses espaços, concebidos para proteger e controlar, acabam restringindo o movimento, o brincar livre e o contato com o mundo natural. Tiriba (2005) destaca que o emparedamento da infância manifesta-se como uma forma de confinamento simbólico e físico, que reduz o potencial criativo e exploratório das crianças, afastando-as das experiências essenciais ao seu desenvolvimento integral.

Imagem 1 — Janela da escola com grades.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Essa reflexão torna-se ainda mais urgente diante das configurações urbanas e escolares atuais, nas quais as crianças permanecem grande parte do tempo em ambientes artificiais, com iluminação e temperatura controladas, pouco ar livre e contato limitado com elementos naturais. Em alguns casos, observa-se a construção de escolas em contêineres metálicos, espaços que se assemelham a “caixas de sardinha gigantes” (Ver Imagem 2), como uma metáfora da compressão da infância entre estruturas frias e desumanizadas.

Imagem 2 — Escola contêiner em Goiânia.



Fonte: EUROBRAS, *Container Escola ou Escola Modular*, 2025.
Disponível em: <https://eurobras.com.br/container-escola-ou-escola-modular/>.
Acesso em: 02 set. 2025.

Compreendo que esse processo de confinamento não é apenas físico, mas também experiencial e simbólico, restringindo as possibilidades das crianças explorarem, sentirem e se relacionarem com o mundo que as cerca, não

conseguindo criar um vínculo com o local em que passam grande parte do tempo. Em diálogo com Tiriba (2005), é possível compreender que o desemparedamento propõe uma educação que reafirma às crianças o direito de estar no mundo de forma plena, em contato com a natureza, com o corpo em movimento e com os sentidos despertados como assegura as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009)²⁷, em seu Art. 4º, definem a criança como:

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura [...]. (Brasil, 2009).

Tais perspectivas caminham com os pensamentos de Richard Louv (2005) que cunhou o termo “transtorno do déficit de natureza”. Para se referir às consequências desse afastamento do ambiente natural, ele evidencia que a ausência de contato com a natureza pode gerar impactos físicos, emocionais e cognitivos, como a diminuição da atenção, o aumento do estresse e o empobrecimento da imaginação e da curiosidade infantil, problemas causados principalmente por telas

Assim sendo, o conceito de desemparedamentos surge como uma proposta de resistência ao confinamento da infância, defendendo a necessidade de devolver às crianças o direito de explorar, criar e aprender em espaços que integrem arte, natureza e liberdade. Trata-se de um convite para repensar e ressignificar o modo como os ambientes educativos são concebidos e vivenciados, transformando o espaço escolar em um lugar de experiências sensoriais, afetivas e criativas que conectam a criança ao mundo e à própria vida.

A inserção de práticas de Artes Visuais em espaços externos à sala de aula, em particular o pátio escolar, revela-se como estratégia potente para articular sensibilidade estética e aprendizagem contextualizada. Vivências como manipular a terra ou areia, observar o céu e as nuvens, acompanhar o voo de uma borboleta com bolinhas azuis, perceber a sensação da brisa, oferecem experiências multissensoriais que estreitam a relação da criança com o mundo que a cerca, sem que haja a presença de paredes de concreto. Essas experiências promovem formas

de compreensão do mundo que transitam entre o sensível e o cognitivo, potencializando processos de criação, percepção e cuidado.

Diversas pesquisas apontam benefícios claros derivados do convívio com ambientes naturais para o desenvolvimento integral das crianças, incluindo ganhos em criatividade, autonomia, empatia e senso de pertencimento (Chawla, 2015). Dessa maneira, o processo de desemparedamento promove não apenas ganhos motores e cognitivos, mas também modalidades de subjetividade orientadas para o cuidado e a convivência com as formas de vida que compõem o entorno.

A escolha do presente tema e a elaboração do portfólio de ideias encontram motivação na minha trajetória formativa em vivências e propostas que desenvolvi ao longo do curso de Artes Visuais - Licenciatura pela Universidade Federal de Goiás, marcada por experiências práticas que articulam arte, natureza e procedimentos pedagógicos.

No decorrer do curso tive diversas experiências que influenciaram nesta pesquisa, como na disciplina Laboratório de produção artística II², com a criação da *Praça da Formiga*, lecionado pela professora Alice Fátima Martins. Considero essa disciplina o marco inicial da presente pesquisa ao possibilitar rastros de vivência de um exercício coletivo de composição do espaço articulado ao referencial teórico da disciplina. A praça dialoga com a proposta de Alice Fátima Martins (2018), ao compreender a arte como uma poética da solidariedade, pautada na coletividade, na partilha de saberes e na construção de sentidos, se relacionando também com a noção de estética relacional de Nicolas Bourriaud (2009), que entende a obra de arte como interstício social, no qual as relações humanas e os encontros se tornam matéria-prima da criação, aproximando-se também da perspectiva de Geandra Braga (2023), que identifica na *Land Art* uma ponte entre arte e consciência ecológica, ressaltando a integração do espaço natural e do tempo ao processo artístico. Considero a *Praça da Formiga* como uma vivência formadora, que orientou as escolhas metodológicas aplicadas na construção do portfólio de ideias apresentado na Seção 3, intitulada [...].

² 8º semestre do curso de **Artes Visuais – Licenciatura**, período **2025.1**.

Antes de começar a estudar sobre desemparedamento, realizei em grupo uma oficina de carimbo com folhas (*Imagem 3*) durante o *Estágio Supervisionado Obrigatório I*, ministrado pelo professor Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri, semestre letivo 2025.1. Essa disciplina foi realizada na *Casa de Repouso Sagrada Família*, espaço que dispunha de um amplo jardim. Nesse local, meu grupo optou por trabalhar a partir de uma árvore de grande porte (*Imagem 4*) que estava programada para remoção por apresentar risco estrutural. A atividade, em que os participantes produziram estampas e registros a partir das folhas (*Imagem 5*), mostrou-se especialmente marcante e teve ampla adesão dos envolvidos. Essa experiência íntegra o *Portfólio de Ideias* (APÊNDICE A), pois considero um marco na minha formação e uma das minhas primeiras atividades de desemparedamento.

Imagem 3 — Oficina com folhas.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Imagem 4 — Árvore que seria derrubada.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Imagem 5 — Varal artístico.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

No âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)³, estagiei no Colégio Estadual Damiana Cunha, onde desenvolvemos atividades de criação audiovisual que exploraram ambientes internos e externos da sala de aula, nesta época, essas práticas ainda não foram plenamente reconhecidas por mim como estratégias de desemparedamentos; contudo, hoje as reconheço como experiências embrionárias, que já apontavam para a força pedagógica decorrente do deslocamento da atividade para além da sala de aula, e que desde o início da graduação já me movia para realizar atividades nos pátios das escolas.

Durante o Estágio Supervisionado Obrigatório IV, ministrado pelo professor Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri no semestre letivo 2025.1 embora não tenha implementado intervenções explicitamente voltadas ao desemparedamento, observei práticas de colegas que utilizavam elementos naturais (*Imagem 6*) em suas mediações, o que aprofundou minha reflexão sobre formas de introduzir a natureza

³ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma política pública do governo federal, financiada pela CAPES, que visa valorizar e aprimorar a formação de professores para a educação básica. Participei do programa entre 2018 e 2020, período em que a bolsa recebida contribuiu significativamente para minha permanência na universidade e para o desenvolvimento de pesquisas na área de Arte e Educação, fortalecendo minha formação docente e o reconhecimento das Artes Visuais como campo de estudo e investigação.

no cotidiano escolar, mesmo em espaços que não tenham nenhum ambiente com natureza.

Imagem 6 — Atividade aluno do CEPAE/UFG



Fonte: Acervo pessoal (2025).

No semestre letivo de 2025-2, vivenciei uma etapa significativa da minha formação docente ao realizar o estágio não obrigatório pela Faculdade UNIBF, onde curso pedagogia, sob a supervisão da professora Carmem Pereira. Esse percurso se deu na Escola Ensino Vivo, uma instituição de orientação humanista, inspirada nos princípios da pedagogia Waldorf, que valoriza o desenvolvimento integral da criança e o aprendizado em conexão com a natureza. Nesse espaço educativo, pude acompanhar uma proposta pedagógica que realmente concretiza o desemparedamento, permitindo que as crianças aprendam em contato direto com o ambiente em meio ao pátio, ao quintal e às áreas externas, observei como o cotidiano escolar se transforma em um campo fértil de descobertas, onde o brincar, o explorar e o observar tornam-se experiências de aprendizado vivas e significativas.

Imagem 7 — Círculo com folhas do parquinho.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Essa experiência comprova a viabilidade e a significação de práticas educativas que priorizam o contato com o mundo natural, reafirmando a pertinência e a urgência do tema para a formação integral das crianças (*Imagem 8*).

Imagem 8 — Quintal da escola.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Considerando os fundamentos teóricos e as vivências apresentadas, este relatório de pesquisa tem como resultado a criação do Portfólio de Ideias, destinado a educadores da Educação Infantil, com propostas artísticas fundamentadas no contato com a natureza e em práticas sustentáveis. O propósito é oferecer caminhos para experiências pedagógicas que valorizem o desenvolvimento da infância, promovendo um olhar mais sensível, curioso e poético sobre o mundo.

O desemparedamentos, nesse sentido, é compreendido como uma mudança de percepção: sair dos muros da escola torna-se também um convite para transformar o olhar e a sensibilidade, reconhecendo a natureza como espaço de aprendizagem e de vida. Ao despertar o encantamento pelo ambiente e pela arte, o trabalho busca fortalecer a consciência ecológica e a compreensão de que o ser humano é parte integrante do planeta. Assim, este estudo propõe uma educação que una arte, natureza e sensibilidade — uma educação poética e viva, capaz de reconectar as crianças ao mundo que as acolhe.

1.1 Desemparedamento

De acordo com o IBGE (2016) urbanização é um processo crescente em nível global e nacional. No Brasil, observa-se que a população urbana aumentou de 75,6% em 1991 para 84,7% em 2015 (IBGE, 2016). Esse movimento acarreta impactos diretos na infância, pois a redução das áreas verdes, a insegurança nos espaços públicos e o distanciamento da natureza fazem com que crianças e adultos passem a maior parte do tempo em ambientes fechados. Esse cenário afeta de forma significativa o desenvolvimento saudável das novas gerações, incluindo crianças que cresceram em um período pandêmico onde as janelas para o mundo por vezes eram telas de celulares ou televisores.

Diante disso, torna-se necessário refletir sobre o papel dos espaços escolares na formação integral das crianças e adolescentes, compreendendo a escola como território educativo que se expande para além da sala de aula, alcançando o pátio.

Estudos apontam que os pátios escolares resistem como locais de convivência, troca e experimentação, funcionando como redutos de circulação de saberes e de práticas culturais da infância, transmitidas de geração em geração. Enquanto para muitos educadores a sala de aula permanece como o centro do processo de ensino, para os estudantes o pátio é o espaço de encontros e aprendizagens sociais e diversão (Santos, 2018).

A arquitetura escolar, nesse sentido, reflete uma concepção de conhecimento grande parte das instituições ainda privilegia a sala de aula como único ambiente de aprendizagem, relegando os espaços externos a funções recreativas (Goulart, 2010). Aqui, busco refletir sobre o espaço escolar como um lugar de aprendizagem

uma educação que seja movimentada e baseada no meio ambiente e uma educação onde auxilia os alunos a perceberem que a escola não deve ser uma forma delicada de encarceramento mas um portal para um mundo mais amplo e cheio de possibilidades (Louv, 2016).

Foucault (1987) identifica similaridades entre escolas, presídios e hospitais (*Imagem 9*), instituições que compartilham lógicas de controle e punição. Assim, a escola historicamente se vincula à preparação de crianças e jovens, sujeitos, para o mercado de trabalho que os condiciona a uma estrutura rígida.

Imagem 9 — Corredor de escola municipal de Goiânia.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A partir deste contexto, Goulart (2010) destaca que, mesmo diante das mudanças arquitetônicas ao longo da história da educação brasileira, persiste a centralidade da ação educativa na sala de aula e na figura do docente, valorização de metodologias centradas no corpo imóvel, com estudantes sentados em cadeiras como seres vazios prontos para serem preenchidos através dos conhecimentos transmitidos pelos adultos.

Para se refletir a educação, implica superar a visão de ensino restrito ao currículo formal e à sala de aula como únicos lugares para o aprendizado, mais do que a ampliação do tempo escolar, a educação se fundamenta no desenvolvimento das múltiplas dimensões da criança social, emocional, intelectual e espiritual (Cavaliere, 2002).

Ainda de acordo com Goulart (2010), para garantir uma educação básica de qualidade é preciso considerar “[...] que o processo educativo envolve não apenas o conhecimento sistematizado, mas também práticas, costumes e valores da vida cotidiana [...]”. Assim, a educação depende da articulação entre escola, comunidade e natureza.

Para crianças de centros urbanos, a carência de áreas verdes e a insegurança do espaço público dificultam vivências ao ar livre. Portanto, além de conservar o pouco da natureza existente, torna-se necessário criar novos espaços verdes, estimular o respeito à natureza e todos os tipos de vidas.

Considerando as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os campos de experiências que norteiam a Educação Infantil, a proposta educativa voltada à temática ambiental não deve restringir-se à realização de atividades pontuais sobre a natureza, mas sim à construção de uma educação que integre a vida ao ambiente natural. É fundamental que as crianças cresçam em constante proximidade com a natureza, desenvolvendo com ela uma relação de afeto, respeito e pertencimento. Como afirma Tiriba (2005), somente quem convive e cria vínculos com a natureza é capaz de amá-la verdadeiramente, e é esse amor que sustenta práticas educativas comprometidas com a sustentabilidade e o cuidado com a vida.

Nesse sentido, para que essa educação se efetive, é necessário que os profissionais da infância também cultivem uma relação íntima e sensível com o

ambiente natural, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento integral das crianças. A promoção de uma Educação Ambiental significativa depende, portanto, da vivência concreta desses educadores, de seu olhar atento às pequenas descobertas, dos gestos de cuidado e das experiências compartilhadas com os elementos da terra, da água, do ar e da vida ao redor.

Nos campos da Educação Infantil, o reconhecimento da relevância do movimento, da exploração sensorial e do contato direto com o ambiente externo tem provocado importantes reflexões sobre a arquitetura escolar e sobre o modo como os espaços são concebidos e utilizados. A necessidade de sol, de ar livre, de espaço para a expansão corporal e emocional das crianças evidencia que os pátios e áreas externas não podem ser entendidos apenas como lugares de passagem ou de recreio entre uma atividade e outra. Eles devem ser vistos como territórios pedagógicos, vivos e férteis, onde o brincar, o criar e o conviver se tornam experiências de aprendizagem, de encontro consigo, com o outro e com o mundo.

Assim, a escola que se abre para o ambiente natural amplia suas possibilidades educativas, transformando cada árvore, cada sombra e cada sopro de vento em oportunidades de conhecer, sentir e aprender. Essa visão reafirma o compromisso de uma educação que compreende a infância como parte inseparável da natureza, uma educação que nasce do chão, do corpo e das relações que nele florescem.

A pesquisadora Maria Leonor de Toledo (2015) enfatiza que documentos e legislações, por si só, não são capazes de promover mudanças: “[...] eles expressam políticas e ajudam a materializá-las, mas não mudam a prática [...]”. Para a autora, é preciso agir em múltiplos eixos articulados, capazes de enfrentar a complexidade dos fatores que influenciam a realidade educacional, principalmente no ensino público e suas estruturas.

Dessa forma, compreende-se que as práticas pedagógicas orientadas pelo desemparedamento partem do princípio de que educar é um ato de vivência e de encontro. Elas se fundamentam na escuta sensível das infâncias e na valorização do corpo, do movimento e do ambiente como elementos essenciais da aprendizagem. Educar fora das paredes é reconhecer o mundo como sala de aula e a natureza

como mestra. Trata-se de uma pedagogia que integra o saber ao sentir, o pensar ao experimentar, convidando as crianças a aprenderem com a terra, com o vento, com a água e com o outro. Assim, o desemparedamento emerge como um caminho ético, estético e ecológico que amplia o sentido da educação, reafirmando o vínculo entre o humano e o planeta e propondo uma escola que floresce em diálogo com a vida.

2 Ensino de Arte

A *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*⁴, homologada em 2017, configura-se como documento normativo que delimita direitos e objetivos de aprendizagem para todas as etapas da Educação Básica, com propósito central de assegurar equidade e promover o desenvolvimento integral do estudante (Brasil, 2018). No campo da Educação Infantil, a BNCC organiza o trabalho pedagógico em cinco campos de experiência: o eu, o outro e o nós; corpo, gesto e movimento; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Suas funções consistem em oferecer situações de interação, experimentação e aprendizagem integradas, conectadas ao mundo e às vivências cotidianas das crianças. Dentre esses campos, o campo “Traços, sons, cores e formas” assume papel central no que tange ao ensino de arte, uma vez que orienta práticas que favoreçam a sensibilidade, a criatividade e a expressão pessoal, articulando produção, manifestação e apreciação artística no cotidiano da criança (Brasil, 2018, p. 41).

A concepção de arte defendida pela BNCC implica tratá-la como processo formativo, não somente como produto isolado: educar artisticamente na primeira infância é possibilitar espaços e tempos para que as crianças produzam, se manifestem e apreciem, ampliando repertórios e reinterpretando suas próprias vivências.

Nesse sentido, a prática artística em Educação Infantil deve privilegiar a expressão livre e a experimentação, por meio de atividades como desenho, pintura, modelagem e a exploração de materiais diversos (argila, massa de modelar, terra, folhas flores, texturas variadas), oferecendo múltiplas linguagens e modos de expressão. Trabalhar a arte como processo de criação favorece descobertas, amplia repertórios e fortalece a comunicação estética, ao mesmo tempo em que estimula a criatividade e a autoria das crianças (Brasil, 2018).

⁴ Embora mencione a importância da natureza, a BNCC aborda a mesma de forma fragmentada e superficial, frequentemente diluída no ensino resumida ao contato com o mundo através das fotos, ou plantando um feijão no algodão. O documento fala *sobre* a natureza, mas não propõe aprender *com* *ela*, reforçando a separação entre natureza e natureza humana e tratando o ambiente como recurso instrumental.

Essa integração entre arte e natureza emerge como estratégia pedagógica que potencializa estas finalidades, na medida em que materiais e experiências provenientes do ambiente natural ampliam o repertório sensorial e as possibilidades expressivas das crianças. Ao proporcionar vivências com terra, água, folhas, sementes e pedras, a escola amplia não apenas dimensões motoras por meio do desenvolvimento da coordenação fina e grossa e da percepção tátil, mas também dimensões afetivas, sociais e cognitivas.

A manipulação de elementos naturais favorece a exploração de texturas, cores, temperaturas e sons, estimulando curiosidade, imaginação e formulação de hipóteses, e criando condições para aprendizagens interdisciplinares que articulam arte, ciências, linguagem e valores socioambientais (Piorsk, 2016).

Essa articulação entre arte e natureza contribui ainda para que a criança expresse sentimentos e compreenda experiências por meio de linguagens simbólicas: ao manusear materiais variados, a criança amplia suas capacidades de percepção, imaginação e expressão subjetiva, consolidando a arte como direito e como componente essencial na formação da identidade e da autonomia. Essa perspectiva é coerente com a compreensão de que a arte não se limita a um espaço secundário ou recreativo na escola, mas constitui campo do conhecimento com potencial formativo para dimensões culturais e socioemocionais (Barbieri, 2012).

Do ponto de vista pedagógico, a didática da arte na Educação Infantil deve orientar-se por metodologias ativas centradas no protagonismo infantil. Ensinar, nesse contexto, implica mediar a relação ativa das crianças com os materiais, com as colegas e com o ambiente, promovendo situações de experimentação em que hipóteses são formuladas, combinações são testadas e sentidos são construídos, assim construindo repertórios. Experimentar significa permitir que a criança descubra possibilidades próprias, crie hipóteses e expresse concepções individuais, mais do que reproduzir modelos preestabelecidos. Práticas como oficinas de pigmentos naturais, esculturas com elementos orgânicos, mandalas de folhas e sementes e caminhadas sensoriais, em que as crianças recolhem e aproveitam elementos do entorno para composições artísticas ilustram atividades experimentais que articulam a estética com saberes científicos, geográficos, literários e éticos, promovendo caráter transdisciplinar às aprendizagens (Libâneo, 2017; Barbieri, 2012).

A revalorização dos espaços escolares e dos ambientes urbanos como territórios de aprendizagem faz parte dessa proposta: o pátio, o jardim e outros espaços externos, muitas vezes reduzidos à função recreativa, podem ser ressignificados como territórios educativos que favorecem movimento, exploração, convivência e descoberta. Essa reinterpretação do espaço escolar reflete concepções pedagógicas mais amplas e integra a ideia de “cidade educadora”, em que a escola ultrapassa seus muros e reconhece a cidade e os espaços naturais como contextos formativos. A crítica às práticas escolarizadas que privilegiam apenas a sala de aula remete a reflexões sobre disciplinamento do corpo e valorização exclusiva do cognitivo, apontadas por leituras críticas sobre a história da escola (Foucault, 1987), e confirma a necessidade de projetar ambientes físicos e curriculares que estimulem a interação entre criança, corpo e natureza (Goulart, 2010).

Os benefícios decorrentes da integração entre arte e natureza abarcam diversas dimensões: cognitivas, ao estimular a curiosidade, a formulação de hipóteses e o pensamento crítico; motoras, ao desenvolver coordenação, equilíbrio e noção espacial por meio de trabalhos com argila, construções e pinturas em assuntos como questões emocionais, ao reduzir níveis de estresse, promover empatia, fortalecer vínculos e estimular cooperação. Autores contemporâneos destacam que práticas de “desemparedamento da escola”, que extrapolam a sala de aula e aproximam crianças de ambientes naturais, promovem criatividade, iniciativa, autoconfiança e consciência ambiental, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e engajados com a preservação do planeta (Marques, 2023).

Em relação à avaliação na Educação Infantil, precisa de procedimentos processuais, que deem conta dos percursos singulares de cada criança e das diversas formas de expressão, considerar portfólios, registros fotográficos, anotações das falas das crianças e observações da relação com os materiais, de modo a apreender o processo de criação, as descobertas e os avanços em diferentes dimensões do desenvolvimento, permitindo identificar progressos na motricidade, atenção, autonomia e interações sociais, sustentando ajustes pedagógicos que respeitem ritmos e necessidades diversos (Barbosa; Horn, 2008; Buchwitz, 2015).

Em síntese, a integração entre arte e natureza na Educação Infantil constitui prática pedagógica potente e coerente com os princípios da BNCC, na medida em que articula sensibilidade, conhecimento e cidadania. Ao oferecer experiências estéticas com elementos naturais, a escola proporciona às crianças oportunidades de serem reconhecidas como sujeitos criadores, curiosos e capazes de transformar o mundo que as cerca.

2.1 A experiência de estética relacional na prática docente

Refletindo sobre o processo de criação das obras com as crianças, percebo que as práticas desenvolvidas durante esta pesquisa dialogam com o conceito de estética relacional, proposto por Nicolas Bourriaud (2009). Segundo o autor, a arte relacional se caracteriza por utilizar as relações humanas como matéria-prima, valorizando os encontros, as interações e os vínculos estabelecidos entre pessoas em determinado contexto. Nesse tipo de prática, a obra de arte não se limita a um objeto acabado, mas se constrói nas trocas, no convívio e nas experiências coletivas que emergem do fazer artístico.

No contexto das vivências com as crianças, o processo de deslocar-se para fora da sala de aula, ocupar o ambiente natural e criar em grupo configurou-se como uma prática relacional. O ato de coletar elementos da natureza, observar o entorno e produzir juntos possibilitou que a arte se tornasse uma experiência compartilhada, um espaço de diálogo entre corpo, ambiente e imaginação. Assim, o pátio, o jardim e o quintal da escola deixaram de ser apenas cenários e se transformaram em territórios estéticos, onde o aprendizado acontecia de forma viva e coletiva.

A interação entre os próprios estudantes, a observação mútua dos trabalhos e a troca de ideias durante o processo criativo fortaleceram o caráter relacional da experiência. Cada gesto, comentário ou descoberta das crianças tornava-se parte da obra, que deixava de pertencer a um autor único para se constituir como uma criação compartilhada. Dessa forma, o processo assumiu maior relevância que o produto final, e o valor educativo e poético residiu no percurso vivido, nas conversas, nas decisões coletivas e nas emoções despertadas pelo contato com a natureza.

Nesse sentido, meu papel como professora-artista também se aproxima da figura descrita por Bourriaud: mais do que uma criadora de objetos ou transmissora

de saberes, na produção do *Portfólio de Ideias* busco atuar como uma mediadora de experiências, uma catalisadora de encontros e descobertas. Ao organizar as propostas, oferecer materiais e propor deslocamentos, pretendo conduzir o grupo para que o processo artístico aconteça em diálogo com o ambiente e com as relações entre as crianças.

A natureza, nessa perspectiva, configura-se no contexto social e poético na promoção dessas experiências como “lugar de relação” onde a arte pode se manifestar. Foi a partir dela que emergiram os temas, as formas e as cores, mas também os afetos e as reflexões propostas para mediar as crianças sobre o mundo. Assim, busco que o aprendizado artístico ultrapasse a ideia de reprodução estética e passe a constituir-se como vivência sensível e coletiva, em que cada criação torne-se um gesto de convivência e cuidado com o meio e com o outro.

Portanto, as práticas propostas ao longo desta pesquisa evidenciam como a arte, quando compreendida sob a perspectiva da estética relacional, pode contribuir para o desemparedamento da infância, ao possibilitar que as crianças experimentem o mundo como espaço de criação, encontro e pertencimento.

3 Criação do portfólio de ideias: experiências e reflexões sobre possibilidades de emparedamentos

Na construção deste *Portfólio de Ideias*, busco caminhar junto à perspectiva da criança, em direção a uma educação que se faça para a vida, onde aprender e viver se confundem em um mesmo fluxo de experiências. Trata-se de uma proposta que não impõe hierarquias rígidas, mas que se abre à construção conjunta do conhecimento, um conhecimento que nasce da escuta, do encontro e do respeito às múltiplas formas de existir. A criança é aqui compreendida como sujeito social pleno, um ser ativo e participante do mundo, e não como alguém em espera, destinado apenas a “vir a ser”, cada uma traz em si um universo de significados, histórias que contribuem para o coletivo e para a escola. Assim, educar é reconhecer a potência de cada infância, é permitir que as crianças sejam vistas, ouvidas e valorizadas em sua singularidade.

Inspirada em Abramović (2011), compreendo o desemparedamento como uma proposta de pedagogia do encontro e da experiência, uma forma de promover uma educação diversa, sensível e criativa, em que o aprender se entrelaça com o viver. O tempo da experiência é o tempo da presença: o tempo de estar junto, de acolher, de criar vínculos e de reconhecer o lugar onde se vive. É nesse ritmo mais humano e natural que a educação e a arte se aproximam da vida, e o respeito pela natureza torna-se também respeito pela infância.

Pensar o processo pedagógico como uma educação para a vida é pensar em uma escola que acolha o agora, sem deixar que as urgências do mundo adulto sufoquem as necessidades das crianças. É necessário dar espaço para o brincar, para o silêncio que ensina, para a animação, para a observação que compreende e para o tempo que respeita o ritmo de cada sujeito.

Barbosa (2006) contribui para esse olhar ao afirmar que a rotina pedagógica é um dos pilares da Educação Infantil, composta por quatro elementos: a organização do ambiente, o uso do tempo, as propostas de atividades e a seleção dos materiais. A rotina, no entanto, não deve ser vista como **inflexibilidade**, mas como uma trama viva, construída diariamente pelas crianças e pelos adultos.

Essa rotina pode se expandir para além das paredes da sala de aula. O contato com a natureza torna-se parte essencial do processo educativo, pois é nesse espaço que a criança experimenta, cria e se reconecta com o mundo. A educação em contato com o natural remete aos saberes dos povos originários, ao aprender sem pressa, dentro do ritmo de cada um, onde o silêncio e a escuta são também formas de conhecimento. É um convite para compreender as nuances da individualidade e para transformar a curiosidade em aprendizagem viva.

O ato de aprender com e na natureza permite que as experiências ultrapassem o papel, os lápis e as mobílias, alcançando a dimensão do sentir e do fazer. Nesses espaços, o brincar se torna uma forma de pensar e o pensamento se torna uma forma de brincar, ambos integrados em uma pedagogia do sensível e da descoberta.

De acordo com Barbosa (2006), a escola para as crianças pequenas é um lugar de encontros de culturas, onde cada criança e cada adulto chega trazendo seus modos de ser, seus hábitos e suas experiências. Nesse convívio, todos aprendem um pouco do outro, suas formas de fazer, pensar e existir. O cotidiano escolar, portanto, é tecido a muitas mãos, construído pelas ações compartilhadas e pelos laços que se formam entre os que habitam esse mesmo espaço.

A escola, quando aberta ao mundo e às vozes das infâncias, deixa de ser apenas um lugar de transmissão de saberes para se tornar um território de vida. Um espaço em que o aprender acontece entrelaçado ao brincar, ao sentir, ao cuidar e ao criar. Uma escola onde a infância é vista não como preparação para o futuro, mas como potência do presente; viva, pulsante e transformadora.

3.1 A pesquisa aplicada na construção do *Portfólio de Ideias*

A pesquisa aplicada apresentada neste trabalho gerou a criação de um Portfólio de Ideias Artísticas, que tem como objetivo reunir propostas pedagógicas capazes de estimular desemparedamentos da infância e a aprendizagem artística sensível e significativa. As atividades que compõem o portfólio foram elaboradas a partir das bibliografias disponíveis neste TCC, de experiências vividas ao longo da minha trajetória acadêmica, dos estágios supervisionados e de reflexões inspiradas em materiais formativos, entre eles, o curso *propostas com elementos naturais*,

desenvolvendo a criatividade e imaginação ministrato pela mestra em Educação Thaís Helena (2025), que contribuíram para a articulação entre teoria e prática pedagógica.

Nessas propostas busco integrar os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) com os referenciais teóricos da arte/educação e do conceito de desaparedamentos, compreendido como a ampliação dos espaços e tempos de aprender para além das paredes da escola, segundo a BNCC (2017), e conforme já afirmado na *Introdução* do presente relato de pesquisa a Educação Infantil deve assegurar às crianças o direito de “[...] explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos e elementos da natureza [...]”, ampliando seus saberes sobre a cultura e o mundo ao seu redor, essa orientação reafirma a importância de integrar o ambiente natural ao processo educativo.

O portfólio nasceu de um processo de pesquisa que entrelaça teoria e prática, resultado de uma vivência que buscou compreender como o ambiente natural pode se tornar um espaço educativo e artístico. As atividades foram realizadas em dois contextos distintos, mas igualmente significativos: em oficinas particulares com crianças entre quatro e seis anos e em vivências junto à turma da Escola Ensino Vivo⁵, composta por crianças de dois a seis anos, em período integral. O início desse percurso aconteceu no dia 5 de setembro de 2025, em meio à minha rotina de trabalho como estagiária na instituição. Essa experiência cotidiana possibilitou um olhar mais sensível e atento às dinâmicas da infância e às práticas pedagógicas que emergem do contato com a natureza.

Durante todo o processo, procurei garantir que cada registro fosse feito com o máximo de cuidado e respeito. As fotografias produzidas tiveram finalidade exclusivamente pedagógica, sendo capturadas de forma a preservar integralmente a identidade das crianças. Todos os momentos foram acompanhados pela equipe docente e monitorados pelas câmeras de segurança da escola, assegurando a transparência e o compromisso ético da pesquisa. Assim, cada imagem, cada observação e cada gesto se transformaram em parte viva desse processo, que não

⁵ Estágio não obrigatório realizado no âmbito da graduação em Pedagogia pela Faculdade Unibf, com participação no desenvolvimento e execução de atividades de Arte voltadas ao contexto educacional.

apenas documenta, mas também celebra o aprendizado partilhado entre a arte, a infância e o ambiente natural.

Entre as experiências desenvolvidas, destaca-se a oficina de pigmentos naturais (*Imagem 10*), atividade que possibilitou às crianças compreenderem a origem das cores e experimentarem a transformação de elementos da natureza como terra, flores e folhas em tintas artesanais. O processo de peneirar, triturar, misturar e observar as tonalidades despertou encantamento, curiosidade e múltiplas sensações nas crianças, ao mesmo tempo em que promoveu reflexões sobre sustentabilidade e reaproveitamento de recursos. Além de sensibilizar o olhar artístico, a prática permitiu trabalhar noções de criação de materiais alternativos e cuidado ambiental, em consonância com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento previstos na BNCC. O resultado foi a produção de artefatos poéticos, com pinturas criadas a partir das percepções e emoções das próprias crianças.

Imagem 10 — Oficina de pigmentos naturais.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Outra experiência significativa foi a frottage com folhas, técnica que consiste em sobrepor uma folha sobre o papel e friccionar o giz, podendo utilizar também carvão ou lápis de cor, revelando suas formas e texturas. Essa prática promoveu um diálogo entre arte e natureza, convidando as crianças a observarem os detalhes, os veios, as simetrias e as imperfeições das folhas a ação de de friccionar, o toque e coleta das folhas, fizeram parte de uma vivência sensorial que ampliou o repertório

expressivo, estimulando a percepção visual e tátil, conforme defende Barbosa (2006), ao compreender a arte como uma experiência estética integral. Ao final da atividade, o grupo dialogou sobre como cada folha é única e possui características próprias, assim como os seres humanos, promovendo reflexões sobre pertencimento e respeito às diferenças. A proposta teve tanta adesão que, dias depois, uma criança, enquanto desenhava com giz, pediu para sair e procurar novas folhas, desejando repetir a experiência de descoberta.

Imagem 11 — Frottage com folhas.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Imagem 12 — Frottage com folhas.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A criação de areia colorida foi uma prática divertida que proporcionou experiências sensoriais, especialmente por favorecer o uso do corpo e o contato direto com o chão, realizada ao lado do parquinho, a de forma coletiva sentados em círculo no chão cada um teve seu momento de peneirar a areia, depois colorimos com tintas da escolha de cada um. Essa experiência reforçou a dimensão poética do aprender com o ambiente, despertando uma forma de resignificar o olhar pela natureza.

Imagem 13 – criação de areia colorida.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A partir dessa primeira vivência, surgiram planos de ampliar a proposta, criando obras inspiradas na artista Goiandira do Couto⁶, cuja produção com areias coloridas do cerrado goiano revela a força estética e simbólica do território, tentei utilizar cola pingando diretamente e já colocando a areia, a camada ficou mais grossa que o esperado, mas acredito que espalhando a cola com um pincel e ir colocando areia aos poucos, pode gerar bons resultados.

⁶ Goiandira Ayres do Couto (Catalão, 12 de setembro de 1915 – Goiânia, 22 de agosto de 2011) foi artista plástica e professora no estado de Goiás, reconhecida por desenvolver a técnica de pintura em areia colorida da Serra Dourada a partir de 1968, retratando, em suas obras, o casario histórico da antiga Vila Boa e paisagens da cidade de Goiás.

Imagem 14 – Primeiras tentativas de utilizar a areia.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A impressão de folhas com tinta guache constituiu um exercício de observação e experimentação estética, no qual as crianças descobriram novas possibilidades de representação. Ao aplicar tinta sobre as folhas e utilizá-las como carimbos, elas exploraram formas, texturas e cores, criando composições livres e

expressivas. Essa prática reforça a ideia de que a natureza é uma grande aliada no processo de criação artística e que o aprendizado torna-se mais profundo quando está ligado à experimentação e ao prazer de descobrir.

Imagem 15 – Impressão de folhas com guache.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Essas vivências, além de ampliarem o repertório visual e sensorial das crianças, reafirmam o papel da arte como ponte de reconexão entre o ser humano e o ambiente. A natureza, nesse contexto, deixa de ser apenas cenário e assume o papel de protagonista, tornando-se matéria, inspiração e parceira do processo educativo. O contato direto com os elementos naturais permite que as crianças desenvolvam valores ecológicos, empatia e senso de responsabilidade com o planeta, características importantes para uma formação de crianças, mais sensível ao mundo que a cerca.

3.2 *Portfólio de Ideias: Arte, natureza e desemparedamentos*

O presente portfólio de ideias artísticas surge do desejo de inspirar práticas pedagógicas mais sensíveis, criativas e ligadas à natureza, que contribuam para romper os muros físicos e simbólicos que ainda separam a escola do mundo. As propostas aqui reunidas dialogam diretamente com os campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), considerando que a arte, quando aliada à natureza, torna-se um caminho potente para o desenvolvimento das crianças e para a construção de aprendizagens significativas.

Ao explorar o ambiente natural, as materialidades do entorno e a imaginação, as crianças vivenciam experiências que mobilizam sons, formas, cores, gestos e emoções, aprendendo com e sobre o mundo que as cerca. A natureza, nesse contexto, não é apenas cenário mas também parceira pedagógica, fonte de descobertas.

No decorrer da pesquisa observei como é interessante propor uma “Caça aos Tesouros Naturais”, convidando as crianças à experiência da descoberta e do encantamento, atividade inicia-se com uma narrativa construída coletivamente, um convite à imaginação e à curiosidade relacionado a algo do repertório das crianças. A partir dessa história inicial, o grupo percorre o pátio o quintal ou o entorno da escola em busca de elementos que considerem “tesouros” podendo ser folhas, pedras, sementes, galhos ou flores coisas que despertam seus interesses, o ato de coletar e observar transforma-se em um exercício de atenção e de valorização das pequenas belezas do ambiente. A partilha em roda, ao final, amplia a experiência: os achados tornam-se inspiração para colagens. Essa vivência contempla os direitos de explorar

e brincar, conforme orienta a BNCC, e fortalece o vínculo afetivo com a natureza. No processo de criação de algumas imagens, fiz a coleta de materiais para além do ambiente escolar, e vejo como esse movimento de coleta é essencial para a criação das propostas de desemparedamentos, a partir deles e das bibliografias pontuadas aqui, refleti sobre algumas possibilidades.

Na proposta “Modelagem de rostos em argila” (*Imagem 15*) torna-se mediadora entre a criança e a construção de sua identidade, ao moldar rostos que representam a si mesmas, seus colegas ou personagens inventados. As crianças refletem sobre traços, semelhanças e diferenças, promovendo empatia e reconhecimento mútuo. A experiência possibilita trabalhar o direito de conviver e expressar-se, destacando a arte como meio de comunicação e afeto, além da motricidade e todos os benefícios de se trabalhar com argila.

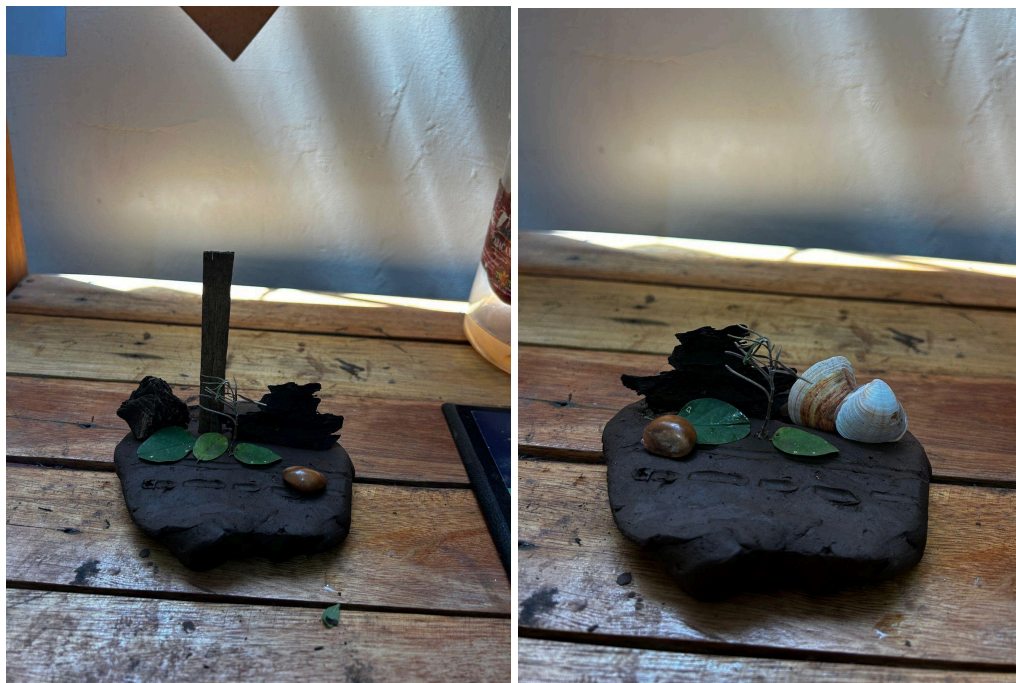
Imagem 16 – *Rostos de argila.*



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A vivência intitulada “Rua onde moro” propõe uma reflexão sobre o território e a memória. Nessa proposta, as crianças coletam elementos da natureza de suas preferências para construir esculturas que representam a rua onde moram, o caminho até a escola ou outros lugares significativos de suas vivências. Assim, visa estimular o olhar para o entorno e o sentimento de pertencimento, ao mesmo tempo em que desperta o respeito pelo espaço e pelas memórias coletivas.

Imagem 17 – Rua onde moro



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Em bichinhos” (*Imagem 16*), a criação nasce da observação e do diálogo com o ambiente. Após uma roda de conversa sobre os animais do cotidiano ou sobre as espécies típicas do Cerrado, as crianças percorrem o espaço escolar em busca de materiais naturais como folhas e sementes, para criar animaizinhos do cotidiano ou criaturas imaginárias inspiradas na fauna local. Essa experiência desperta empatia, respeito pela vida e consciência ecológica, integrando observação, memória e criação artística, essa proposta pode ser feita interferindo diretamente nos elementos pintando, recortando e colando. e também pode ser realizada com uma folha de papel.

Imagem 18 – Insetinhos.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A proposta “Pintura em Folhas Secas” (*Imagem 17*) rompe com o suporte convencional do papel e convida as crianças a pintar sobre folhas coletadas no chão. O contato com o material orgânico, suas texturas, relevos e cores estimula o olhar poético e amplia a sensibilidade estética. Ao utilizar tintas guache sobre as folhas, as crianças percebem a transitoriedade e a delicadeza da matéria viva, transformando a pintura em gesto de cuidado.

Imagem 19 – Pintura em folhas secas.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Na proposta “Colagem: Criando cartões” (*Imagem 18*), o foco é a afetividade. Assim, as crianças criam cartões e composições artísticas com folhas, flores, e depois desenhando para uma pessoa querida. Essa prática remete o compartilhar suas criações, exercitam o direito de expressar e participar, reforçando o potencial da arte como gesto de amor e partilha.

Imagem 20 – Assemblage.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A experiência “Desenhos em tocos de madeira” (Imagem 19) promove uma reflexão sobre o tempo e a memória da natureza. As crianças desenham sobre pedaços de madeira, explorando sua textura e forma, enquanto conversam sobre as histórias que cada tronco carrega como o tempo de vida de uma árvore, visível em seus anéis. Essa atividade une arte e narrativa, memória e imaginação.

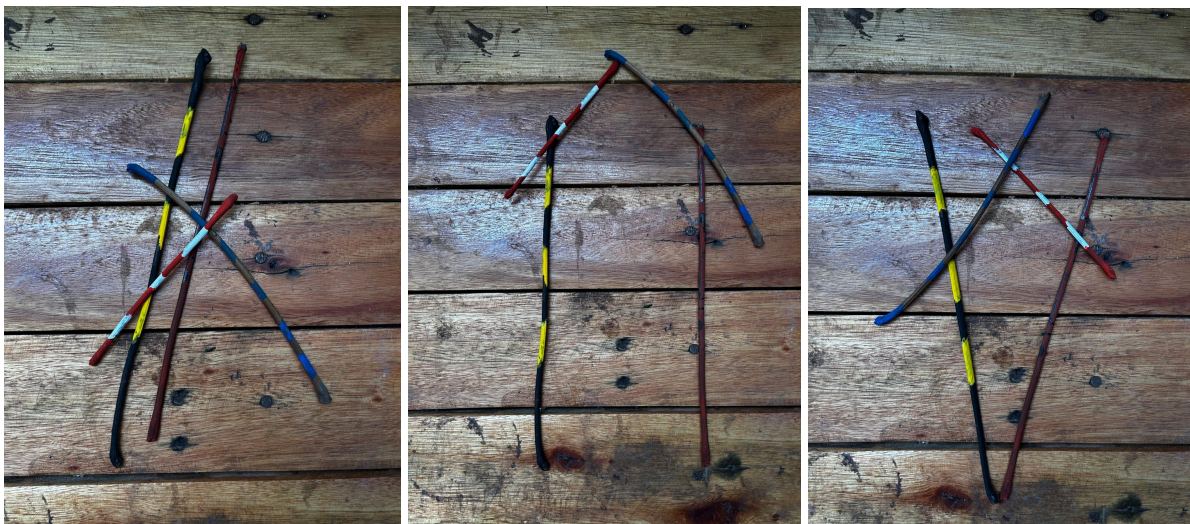
Imagem 21 – Colagem ilustrativa: pintura no toco de madeira



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A vivência “Pintura em galhos” (*Imagem 20*) transforma os galhos secos em esculturas coloridas e interativas. O processo de pintar o que a natureza oferece estimula a coordenação motora, a imaginação e o senso estético, além de reforçar valores de reaproveitamento e cuidado com a natureza. Essa proposta pode também ser adaptada em forma de jogo, como um “pega-varetas artístico”, integrando movimento, ludicidade e criação coletiva que promove a brincadeira que ocorre exclusivamente em conjunto, o brinquedo ganha outro significado quando produzido em conjunto.

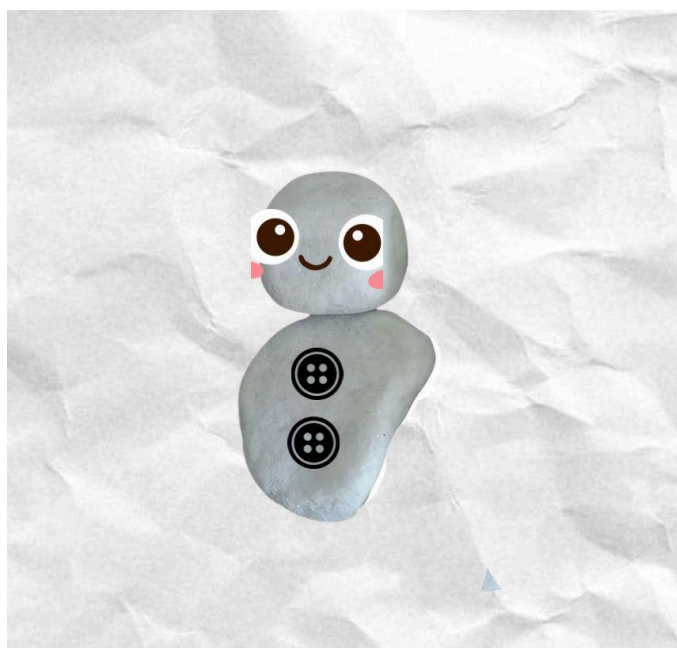
Imagem 22 – Pintura em galhos.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Em “ Personagens com pedras” (*Imagem 21*), as crianças dão vida aos elementos naturais ao desenhar rostos e roupas sobre pedras, criando personagens que podem ver histórias de faz de conta. A atividade trabalha a imaginação, a linguagem simbólica e a expressão pessoal, permitindo que as histórias (narrativas) surjam do diálogo entre criação e natureza.

Imagem 23 – Colagem ilustrativa : Personagens de pedras.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Na proposta “Pincéis da natureza” (*Imagem 22*), a criação artesanal é o ponto central. Utilizando gravetos, folhas, flores e sementes, as crianças constroem seus próprios pincéis naturais e, posteriormente, os utilizam em pinturas livres. O ato de fabricar o próprio instrumento amplia a autonomia, o cuidado e o vínculo com o ambiente, transformando o fazer artístico em gesto ecológico e criativo.

Imagem 24 – Pincéis da natureza.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A proposta “Desenho sensorial com areia colorida” (*Imagem 23*) convida as crianças ao toque e à experimentação de materiais não convencionais. A atividade iniciou-se com a produção coletiva da areia colorida, momento em que cada criança escolheu as cores que gostaria de criar, participando ativamente do processo. Essa etapa inicial já se configurou como uma vivência estética e cooperativa, em que o grupo pôde observar transformações, misturas e tonalidades, explorando conceitos de cor e textura.

Após a secagem iniciamos a criação de pinturas em relevo com cola e areia colorida. Nessa experiência, as crianças aplicaram cola sobre o papel e, em seguida, despejaram a areia aos poucos, formando linhas e texturas que resultam em composições táteis. Essa etapa despertou curiosidade e encantamento, ainda

que o tempo disponível tenha limitado outras explorações com os materiais. Mesmo assim, a atividade se mostrou significativa, revelando o potencial expressivo da areia como elemento artístico e sensorial se utilizado de outras formas.

Outra opção seria utilizar a areia colorida para compor desenhos colocando-as em bandejas, utilizando gravetos ou até com o movimento das mãos ou a ponta dos dedos, atuando no desenvolvimento da coordenação motora fina, da percepção tátil e do senso estético. Penso que a proposta dialoga com a efemeridade dessas produções em areia me recordam a *Land Art*, um artista que já vi utilizando a técnica é Andres Amador, conhecido por criar desenhos geométricos e orgânicos em larga escala nas praias, apagados pela maré (na escola a maré e o próximo colega que vai desenhar) um símbolo poético da arte como processo e não apenas como produto final.

Por fim, a proposta “ Nossas digitais” (*Imagem 24*) estimula a observação atenta e o olhar para si e para o outro, as crianças utilizam folhas e carimbeiras para criar impressões de decalques, observando como cada planta possui marcas e padrões únicos suas “digitais”. Essa experimentação pode se estender ao uso de folhas como texturas na massinha natural, visto que a diversas formas de trabalhar os materiais, o colocar o dedinho acaba se tornando inevitável, então proponho primeiramente carimbarmos os dedos e ver como cada ontem sua digital única, e depois as folhas coletadas.

Imagem 25 – Nossas digitais.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Em todas as propostas, um aspecto essencial é o momento de observar e conversar após as criações. Observar o próprio trabalho e o dos colegas, partilhar percepções e conversar sobre o processo amplia a escuta, a empatia e o aprendizado coletivo.

Essas vivências se conectam pelo princípio do desenvolvimento, que propõe uma educação em diálogo com o ambiente e com o movimento do corpo. Ao propor experiências que envolvem o toque, o olhar, a imaginação, o portfólio reafirma que a arte é também um modo de reconectar-se à vida. Mais do que atividades, essas práticas representam um convite à escuta sensível e à construção de vínculos com o planeta terra. O processo educativo, nesse contexto, torna-se um ato de esperança, uma possibilidade de aprender com o mundo, cuidando dele com as próprias mãos.

Considerações Finais

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como tema central a relação entre arte, natureza e processos de desemparedamento na Educação Infantil, propus uma reflexão sobre práticas pedagógicas que promovam aprendizagens significativas e criativas por meio da integração entre corpo, ambiente e expressão artística. A relevância desta pesquisa se ancora na urgência de repensar os espaços escolares, devolvendo à infância o direito de tocar, sentir e aprender com o mundo, reconhecendo a arte como ponte viva entre o ser humano e a natureza.

O objetivo geral deste estudo foi investigar de que forma a arte e o desemparedamento, enquanto práticas metodológicas, podem contribuir para uma educação mais sensível e criativa, capaz de integrar o pensar, o sentir e o agir. Considero que esse propósito foi alcançado por meio da criação do Portfólio de Ideias Artísticas, que reúne propostas de atividades fundamentadas teoricamente e inspiradas em vivências reais, servindo como instrumento formativo para educadores interessados em aproximar a arte e o ambiente natural como linguagens de aprendizagem.

Durante o processo de escrita e observação, vivi intensamente os desafios que cercam a prática docente e a pesquisa no cotidiano. As oficinas e as reflexões que inspiraram essa pesquisa aconteceram, muitas vezes, nos intervalos das aulas, entre o soar do recreio e o cair da tarde, no breve tempo, aguardando a chegada da professora regente para começar. O ritmo apressado da escola me fez compreender que a criação também nasce das frestas nos momentos em que o corpo respira, observa e insiste em criar, mesmo quando o tempo parece curto demais.

Reconheço que a ausência de tempo hábil para a submissão ao Comitê de Ética impossibilitou relatar práticas realizadas durante o período de estágio. Por esse motivo, este estudo esteve concentrado nas experiências que antecederam formalmente a pesquisa, bem como na construção teórica e poética do portfólio. Ainda assim, esse processo se mostrou fértil, pois permitiu compreender o desemparedamento não apenas como deslocamento físico, mas como postura pedagógica da arte de transformar o olhar e abrir espaço para o imprevisto, o

sensível e o vivo dentro da escola.

A inserção na Escola Ensino Vivo, instituição de base humanista e com influências waldorianas, foi um marco importante nesse percurso. A convivência diária com uma proposta pedagógica que valoriza o contato com o ambiente e a liberdade no brincar me mostrou que o desemparedamento é mais do que uma atividade externa é uma ética do cuidar e do permitir à criança ser criança. Ainda que o diálogo com a equipe tenha sido discreto, compreendi que a construção de vínculos em um novo ambiente exige tempo, escuta e paciência. Em meio às incertezas e limitações, encontrei na própria natureza e nas crianças a escuta mais sincera, aquela que não precisa de palavras para ensinar.

A metodologia empregada baseou-se na pesquisa aplicada, de abordagem qualitativa e natureza exploratória, sustentada por um levantamento bibliográfico e pela elaboração de um material pedagógico autoral. Cada etapa da leitura ao planejamento, da observação às escritas poéticas revelou que o desemparedamento é também um exercício de reinvenção. O sol, o vento e as sombras se tornam coautores da pesquisa, participando silenciosamente de cada reflexão sobre o que significa aprender fora das paredes.

As reflexões apresentadas permitem compreender que as práticas de arte em diálogo com a natureza despertam o olhar poético, o encantamento e o sentimento de pertencimento. Ao trabalhar com materiais naturais, ao desenhar sobre galhos, folhas e areia, a arte deixou de ser produto e se tornou processo — um convite à estética relacional, conforme propõe Bourriaud (2009), em que o valor da criação está no encontro e na experiência compartilhada. Ainda que as limitações de tempo e contexto tenham restringido a aplicação das propostas em larga escala, o portfólio consolidou-se como instrumento pedagógico de sensibilização e inspiração para novas práticas.

Desejo que esta pesquisa inspire futuras investigações sobre o desemparedamento em contextos urbanos, com poucos espaços verdes, e fomente formações docentes que reconheçam a arte como linguagem interdisciplinar e o ambiente natural como espaço educativo. Que possa também encorajar a criação de oficinas, projetos e ações em parques e espaços públicos, ampliando as

possibilidades de reconexão entre corpo, arte e Terra.

Entre as contribuições deste trabalho, destaco a elaboração do Portfólio de Ideias Artísticas, que oferece caminhos práticos e teóricos para o desemparedamento por meio da arte; a valorização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como documento que legitima o contato com a natureza e a experimentação estética como direitos fundamentais da infância; e a ampliação do debate sobre uma educação sensível, ética e ecológica, que compreende a criança como sujeito ativo, produtor de cultura e guardião do planeta que habita.

Em síntese, este estudo reafirma que o desemparedamento é mais do que uma metodologia é uma maneira de *reencantar o viver*, como sugere Ailton Krenak (2019), convidando-nos a reconhecer que a Terra não é um recurso, mas um ser com o qual convivemos. Que educar, nesse sentido, é aprender a cuidar, a sentir e a criar junto. Assim, este trabalho não se encerra em si mesmo, mas se abre como semente lançada ao chão fértil das escolas e dos corações de quem ensina e aprende. Que possamos seguir semeando com arte, sensibilidade e esperança o sonho de uma educação que floresce sob o sol e cresce em comunhão com a vida.

Referências

- ALIMONDA, Héctor (org.). *La naturaleza colonizada: ecología política y minería en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2011.
- ARAUJO, Miriane de Amorim. *História de vida e formação docente na Educação Infantil: vivências na e com a natureza*. 2024.
- BARBOSA, Maria C. S.; HORN, Maria G. S. *Projetos pedagógicos na educação infantil*. Porto Alegre: ArtMed, 2008.
- BARBOSA, Raquel Miranda. Muito além das telas douradas: cidade e tradição em Goiandira do Couto (1960-2001). Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2018.
- BARBIERI, Stela. *Interações: onde está a arte na infância*. São Paulo: Blucher, 2012.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRAGA, Geandra Duardes. *Land Art: natureza, arte e ativismo*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID*. Brasília: CAPES, Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid>. Acesso em: 9 nov. 2025.
- BUCHWITZ, Tania Maria de A. *Propostas curriculares na Educação Infantil*. Porto Alegre: Cengage Learning, 2015.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.

CAVALIERE, Ana Maria. Educação integral: uma história de muitas ideias. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 3-18, 2002.

CHAWLA, Louise. Benefits of nature contact for children. *Journal of Planning Literature*, v. 30, n. 4, p. 433-452, 2015.

DOSSIÊ arte, educação e ecologias. *Coleção Desenrêdos*. Belo Horizonte: UFMG, 2022.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 4. ed. Curitiba: Criar Edições, 2004.

FERNANDES, Ana. *Ecologia humana e educação*. Lisboa: Pactor, 2021.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GADOTTI, Moacir. *Educação e sustentabilidade: ecopedagogia e educação sustentável*. São Paulo: Cortez, 2010.

GOULART, Beatriz. *Arquitetura escolar e educação integral: reflexões sobre os espaços de aprendizagem*. São Paulo: Moderna, 2010.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*. Porto Alegre: Penso, 2006.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

IBGE. *Censo Demográfico 2010 e estimativas populacionais*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 189-205, 2004.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2017.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza*. São Paulo: Aquariana, 2005.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MARQUES, Vasti Ferrari et al. *Desemparedamento da escola*. Americana: Paladar Cultura, 2023.

MARTINS, Alice Fátima. *Arte e poética da solidariedade*. Goiânia: Gráfica da UFG, 2018.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PIORSKI, Gandhy. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2018.

SANTOS, Sammya Danielle Florencio dos. *O déficit de natureza nas crianças pequenas: a influência dos ambientes de aprendizagem*. 2022.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac Naify, 2018.

TORRES, Rosa Maria. *Aprender para o futuro: comunidades de aprendizagem e educação integral*. Buenos Aires: IPE-UNESCO, 2004.

VERSIEUX, Leonardo de Melo. *Arte e meio ambiente: do não-lugar ao ativismo*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

WARD, Colin. *The child in the city*. London: Architectural Press, 2016.

APÊNDICE A — PORTFÓLIO DE IDEIAS